

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

Bianca Nunes Pimentel
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2021

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

Bianca Nunes Pimentel
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Fundamentos científicos e prática clínica em fonoaudiologia 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Bianca Nunes Pimentel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F981 Fundamentos científicos e prática clínica em fonoaudiologia
2 / Organizadora Bianca Nunes Pimentel. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-086-2
DOI 10.22533/at.ed.862211305

1. Fonoaudiologia. I. Pimentel, Bianca Nunes
(Organizadora). II. Título.

CDD 616.855

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A idealização da profissão de Fonoaudiólogo teve início por volta dos anos 30 do século XX. No Brasil, o ensino da área começou na década de 60, com a criação dos cursos voltados à graduação de tecnólogos em Fonoaudiologia. Após movimentos pelo reconhecimento da profissão, nos anos 70, foram criados os cursos em nível de bacharelado.

Em 09 de dezembro de 1981, a Lei 6.965 regulamentou a profissão, definindo o Fonoaudiólogo como o profissional que atua em pesquisa, prevenção, avaliação e terapia fonoaudiológica na área da comunicação oral e escrita, voz e audição. Desde então, os profissionais tem se dedicado, além da prática clínica, à investigação de procedimentos e técnicas, juntamente com outras áreas do conhecimento, para melhor compreensão dos fenômenos concernentes ao processo saúde-doença, bem como para o desenvolvimento de novas tecnologias para a saúde. Em decorrência dessa produção científica, a Fonoaudiologia ampliou seus horizontes e, atualmente, conta com várias especialidades.

A obra “Fundamentos Científicos e Prática Clínica em Fonoaudiologia” é uma coleção com três volumes, que tem como objetivo principal a discussão científica de temas relevantes e atuais, abordando, de forma categorizada, pesquisas originais, relatos de casos e de experiência, assim como revisões de literatura sobre tópicos que transitam nos vários caminhos da Fonoaudiologia.

O volume I contém pesquisas sobre Linguagem e Desenvolvimento Humano, Tecnologias para a Comunicação, Fonoaudiologia Educacional e Voz. O presente volume, número II, reúne pesquisas sobre Audiologia, Perícia Fonoaudiológica, Saúde do Trabalhador, Saúde Coletiva, Formação Superior em Saúde e aprimoramentos da Prática Clínica. Por fim, o volume III abrange as temáticas Fonoaudiologia Hospitalar, Saúde Materno Infantil, Motricidade Orofacial, Disfagia, Fononcologia, Cuidados Paliativos e aspectos relacionados ao Envelhecimento Humano.

Por se tratar de uma obra construída coletivamente, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos aos profissionais, professores, pesquisadores e acadêmicos de diversas instituições de ensino e pesquisa do país que, generosamente, compartilharam seus trabalhos compilados nessa coleção, bem como à Atena Editora por disponibilizar sua equipe e plataforma para o enriquecimento da divulgação científica no país.

Desejo a todos e todas uma boa leitura!

Bianca Nunes Pimentel

SUMÁRIO

SEÇÃO 1 - AUDIOLOGIA E SUAS INTERFACES

CAPÍTULO 1..... 1

APNEIA OBSTRUTIVA DO SONO NA POPULAÇÃO GERAL E EM OBESOS E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSAMENTO AUDITIVO: REVISÃO SISTEMÁTICA

Patrícia Silva Giomo
Giovana Paladini Moscatto
Priscila Carlos
Aline Diniz Gehren
Gisele Signorini Zampieri
Luciana Lozza de Moraes Marchiori

DOI 10.22533/at.ed.8622113051

CAPÍTULO 2..... 9

ASPECTOS DA COMUNICAÇÃO DE IDOSOS NÃO USUÁRIOS DE APARELHOS DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL

Caroline Gil de Oliveira
Pierangela Nota Simões
Giselle Massi
Ana Cristina Guarinello
Maria Renata José
Débora Lüders

DOI 10.22533/at.ed.8622113053

CAPÍTULO 3..... 22

CADEIA PRODUTIVA DA ROCHA ORNAMENTAL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E NOTIFICAÇÃO DE PERDA AUDITIVA INDUZIDA POR RUÍDO

Wilson Bomfim Barbosa Júnior
Jonathan Grassi Rodrigues
Margareth Attianezi

DOI 10.22533/at.ed.8622113054

CAPÍTULO 4..... 34

FALHA NAS EMISSÕES OTOACÚSTICAS E NEONATOS PEQUENOS PARA A IDADE GESTACIONAL

Luciana Berwanger Cigana
Eduarda Besen
Danúbia Hillesheim
Karina Mary Paiva
Patrícia Haas

DOI 10.22533/at.ed.8622113055

CAPÍTULO 5..... 42

JOVENS EDUCADORES: PROTAGONISMO JUVENIL EM AÇÕES EDUCATIVAS EM SAÚDE AUDITIVA

Flavia Conceição Lopes

Rafael Coelho Damaceno
Adriana Bender Moreira de Lacerda
Débora Lüders

DOI 10.22533/at.ed.8622113056

CAPÍTULO 6..... 52

O QUE DIZ A LITERATURA SOBRE OS ACHADOS AUDIOLÓGICOS EM CRIANÇAS COM MICROCEFALIA POR ZIKA VÍRUS CONGÊNITO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Marina Mayra de Lima Mota
Danielle Samara Bandeira Duarte
Mônyka Ferreira Borges Rocha
Anna Maria de Lira Cabral
Jéssica Dayane da Silva
Marcia Marcelle Vasconcelos Santos
Laís Cristine Delgado da Hora
Lilian Ferreira Muniz
Fernanda das Chagas Angelo Mendes Tenorio
Diana Babini Lapa de Albuquerque Britto

DOI 10.22533/at.ed.8622113057

CAPÍTULO 7..... 61

POTENCIAL COGNITIVO EM CRIANÇAS COM ALTERAÇÕES DE LEITURA E ESCRITA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Maria Vanderléia Araujo Maximiano
Mariana Keiko Kamita
Ana Luiza Dias Piovezana
Ivone Ferreira Neves Lobo
Luciene Stivanin Rodriguez
Carla Gentile Matas

DOI 10.22533/at.ed.8622113058

CAPÍTULO 8..... 67

QUALIDADE DE VIDA E POTENCIAL COGNITIVO P300 EM UNIVERSITÁRIOS COM MÁ QUALIDADE DE SONO

Esley da Silveira Santana Gonzaga
Gerlane Karla Bezerra Oliveira Nascimento
Kelly da Silva
Raphaela Barroso Guedes Granzotti
Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César
Pablo Jordão Alcântara Cruz
Nathália Monteiro Santos
Josilene Luciene Duarte

DOI 10.22533/at.ed.8622113059

SEÇÃO 2 – PERÍCIA FONOAUDIOLÓGICA

CAPÍTULO 9..... 79

PERÍCIA FONOAUDIOLÓGICA: MANUAL TEÓRICO E LEGISLAÇÃO PERTINENTE

Carla Aparecida de Vasconcelos

Djenitsa Rosaline Sousa Pires

Isabela Machado Arruda

Jaya Miranda Carvalho de Araújo

Sara Silva Alcantara Tápias

Adiel de Oliveira Gomes Côelho

Aline da Silva Anterio

Ellen Rafaela dos Santos Gomes

DOI 10.22533/at.ed.86221130510

CAPÍTULO 10..... 92

PERÍCIA FONOAUDIOLÓGICA APLICADA À SAÚDE DO TRABALHADOR: CONCEITOS E ROTEIRO DE LAUDO

Carla Aparecida de Vasconcelos

Gabriella Sacramento do Nascimento

Karina Soares Pontes

Lucas Baracho Colossal

Marcus Vinicius Conceição Gam

Amabile Cavalcante

Ana Luiza da Costa Zaibel

Ellen Sartório Trindade

DOI 10.22533/at.ed.86221130511

CAPÍTULO 11..... 107

PERÍCIA FONOAUDIOLÓGICA NO ÂMBITO JUDICIAL: DA INTIMAÇÃO À ENTREGA DO LAUDO

Carla Aparecida de Vasconcelos

Ana Amâncio Silva

Ana Paula Serafim Pereira

Caroline Cantão Dela Costa Melo

Laura Lima de Almeida Martins

Débora Arruda Cerqueira

Helisa da Vitória Nunes dos Santos

Heloísa Labanca Braga

DOI 10.22533/at.ed.86221130512

SEÇÃO 3 – SAÚDE COLETIVA E INTERDISCIPLINARIDADE

CAPÍTULO 12..... 118

A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UM ESTUDO PILOTO

Lucas Jampersa

Giselle Aparecida de Athayde Massi

DOI 10.22533/at.ed.86221130513

CAPÍTULO 13..... 131

A MÚSICA COMO FACILITADORA DA COMUNICAÇÃO E EXPRESSIVIDADE DE ADOLESCENTES

Clarissa Evelyn Bandeira Paulino
Ingrid Tatiana Freitas de Carvalho
Antonio Carlos Rabêlo Nigro Filho

DOI 10.22533/at.ed.86221130514

CAPÍTULO 14..... 135

AGREGANDO FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA À FONOAUDIOLOGIA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UMA AÇÃO DA 4ª COORDENADORIA REGIONAL DE SAÚDE/RS

Maiara Santos Gonçalves
Ângelo Brignol de Oliveira Thomazi
Elenir Fedosse

DOI 10.22533/at.ed.86221130515

CAPÍTULO 15..... 143

ANÁLISE DO PLANO ESTADUAL DE SAÚDE (2016-2020) E A OFERTA DE SERVIÇOS ESPECIALIZADOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Layla Stefania dos Santos Machado Pesse
Margareth Attianezi

DOI 10.22533/at.ed.86221130516

CAPÍTULO 16..... 153

ANÁLISE QUANTITATIVA E COMPARATIVA DOS PROCEDIMENTOS FONOAUDIOLÓGICOS NO SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE NOS ESTADOS DA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Amabile Fardin Vesper
Caroline Alvarenga Rodrigues
Emyr Apolonio Brito Gomes
Gabriel Oliveira Freitas dos Santos
Larissa de Alpino Belloti
Maria Eduarda Santos Ferrete
Victoria Caroline Lovati da Silva
Tiago Costa Pereira
Rômulo Rocha Rigo

DOI 10.22533/at.ed.86221130517

CAPÍTULO 17..... 163

DIFICULDADES DE ACESSO DE CRIANÇAS À ASSISTÊNCIA FONOAUDIOLÓGICA: A PERSPECTIVA DE PROFISSIONAIS DE UMA REDE MUNICIPAL DE SAÚDE

Michele Ferreira da Silva
Martha Cristina Nunes Moreira

DOI 10.22533/at.ed.86221130518

CAPÍTULO 18..... 175

**O DESAFIO DA TRANSDISCIPLINARIDADE NA EXECUÇÃO DE UMA OFICINA “SARAU”
NUM CENTRO DE CONVIVÊNCIA**

Elaine Herrero

Ruth Ramalho Ruivo Palladino

Maria Eloína França Domingues

DOI 10.22533/at.ed.86221130519

**SEÇÃO 4 – FORMAÇÃO SUPERIOR EM SAÚDE E APRIMORAMENTOS DA
PRÁTICA CLÍNICA**

CAPÍTULO 19..... 184

**PRÁTICAS VIRTUAIS EDUCACIONAIS NA AUDIOLOGIA INFANTIL NA PANDEMIA DA
COVID-19**

João Rafael Santos Santana

Matheus Costa Gonçalves

Isabele Tavares Rodrigues Lima

Ester Almeida Sales

Carla Suzanne Pereira Souza

Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César

Barbara Cristina da Silva Rosa

DOI 10.22533/at.ed.86221130520

CAPÍTULO 20..... 195

**O IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 EM ESTUDANTES DE FONOAUDIOLOGIA DE
UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA FEDERAL**

Vitor Sérgio Borges

Gabriel Trevizani Depolli

André Angelo Ribeiro de Assis Filho

Jaimel de Oliveira Lima

Margareth Attianezi

DOI 10.22533/at.ed.86221130521

CAPÍTULO 21..... 209

**O PAPEL DO VÍCULO TERAPÊUTICO NA PRÁTICA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA: UM
ESTUDO PILOTO**

Adrielle Barbosa Paisca

Giselle Aparecida de Athayde Massi

DOI 10.22533/at.ed.86221130522

CAPÍTULO 22..... 217

**PRÁTICA FONOAUDIOLÓGICA DESENVOLVIDA NO SASA – JOINVILLE: RELATO DE
EXPERIÊNCIA ACADÊMICA**

Thais Torrens Tavares

Nicole da Silva Gonçalves

Juliana Fracalosse Garbino Achôa

Vanessa Bohn

DOI 10.22533/at.ed.86221130523

SOBRE A ORGANIZADORA	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UM ESTUDO PILOTO

Data de aceite: 03/05/2021

Data de submissão: 05/03/2021

Lucas Jampersa

Universidade Tuiuti do Paraná – UTP
Curitiba – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/3439429529569598>

Giselle Aparecida de Athayde Massi

Universidade Tuiuti do Paraná – UTP
Curitiba – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/9028356645604400>

RESUMO: Introdução: o contato frequente, o tempo de permanência com a criança ou o adolescente, o conhecimento do cotidiano e uma estreita relação com a família, são fatores que permitem ao fonoaudiólogo clínico compreender dinâmicas familiares em que situações de violência podem estar presentes. **Objetivos:** a) investigar o saber e o fazer fonoaudiológicos em situações de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes; b) analisar a proposta da pesquisa, a eficácia do instrumento e a tangibilidade das questões elaboradas. **Método:** foi realizado um estudo piloto, aprovado por Comitê de Ética: 88408718.8.0000.8040, e pautado em um questionário com 29 questões, junto a fonoaudiólogos residentes na área de abrangência do CRFa/3ª Região. **Resultados:** Dentre os quinze participantes, seis relataram ter atendido casos de violência e nove disseram que não atenderam. Dos seis fonoaudiólogos que atenderam, dois acolheram três ou mais bebês

e crianças. Um profissional relatou atendimento a um adolescente e outro fonoaudiólogo atendeu três ou mais adolescentes. Quatro participantes assinalaram atendimento a uma criança. Os tipos de violência citadas foram físicas e psicológicas, seguidas de violência sexual, negligência ou abandono. A alteração fonoaudiológica mais frequente encontrada nesses casos foi o atraso no desenvolvimento da linguagem, assinalado por todos os respondentes. Com relação aos órgãos a serem informados em casos suspeitos de violência, todos os fonoaudiólogos mencionaram o Conselho Tutelar. Quanto à análise da proposta da pesquisa e a avaliação do instrumento usado, os participantes ressaltaram a importância do objeto da pesquisa e, de forma geral, referiram material como bem organizado para responder aos objetivos da mesma. **Conclusão:** Investigações sobre violência intrafamiliar em contextos clínicos devem ser desenvolvidas para ampliar o conhecimento e a possibilidade de atuação de profissionais da saúde. Este piloto mostra que a ampliação do estudo é viável, havendo coerência entre o material elaborado e a finalidade da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Fonoaudiologia. Violência intrafamiliar. Crianças. Adolescentes. Estudo piloto.

THE SPEECH THERAPY PATHOLOGY IN INTRAFAMILIAR VIOLENCE SITUATIONS: A PILOT STUDY

ABSTRACT: Introduction: The frequent contact, the stay time with the child or the teenager, the routine knowledge and a closer relationship with

the family, are issues that permit the clinical speech therapist to comprehend family dynamics where violence situations can be present. **Goals:** a) To research the speech language pathologist knowledge and make in intrafamiliar violence situations against children and teenagers; b) To examine the research proposal, the tool effectiveness and the elaborate issue tangibility. **Method:** Was accomplished a pilot study, approved by ethics committee: 88408718.8.0000.8040, and ruled in a questionnaire with 29 questions, joined to resident speech therapists to CRFa/3rd Region far-reaching. **Results:** From among the fifteen participants, six reported have served violence cases and nine said not served. Of the six who served, two served three or more babies and children. One professional reported service to a teenager and another speech therapist served three or more teenagers. Four participant ticked service to one child. The quoted kinds of violence were physical and psychological, running to sexual violence, negligence or abandoning, The most frequent speech language pathology change discovered in these cases was the language development delay, ticked to all the respondents. In relation to the organizations to be informed in suspect violence cases, all the speech therapists mentioned the Tutelage Council. In relation to research analysis proposal and the used tool evaluation, the participants highlighted the research object value and, generally, mentioned to the material is well organized to reply the goals. **Conclusion:** Intrafamiliar violence investigations in clinical contexts need to be elaborated to expand the knowledge and the health professionals acting change. This pilot demonstrate the expansion of the study is viable, having coherence between the elaborated material and the research purpose.

KEYWORDS: Speech therapy. Within domestic violence. Children. Teenagers. Pilot study.

1 | INTRODUÇÃO

Elaborar uma conceituação para explicitar a violência não é tarefa fácil, pois exige a problematização de um conjunto de fatores, indicando formas próprias de relações pessoais, políticas, econômicas e culturais, que, embora disfuncionais, vêm sendo trivializadas. Essas relações desajustadas, evidenciadas pelo desrespeito ao posicionamento do outro, pela precarização do ensino e da saúde, pela banalização da vida, pela insegurança econômica estão tão entranhadas na sociedade contemporânea que, comumente, seguem ignoradas (MARTINS et al., 2017).

A prática de desrespeito ao outro, presente nas relações interpessoais, tem ganhado lugar de destaque na sociedade atual, principalmente, em situações complexas e estressantes, próprias da convivência familiar e laboral de cada pessoa (REIS et al., 2019). Dentre os diferentes tipos de violência, destaca-se a que ocorre nos contextos familiares. Magalhães et al. (2017) entendem que a violência familiar é uma ação, ou até mesmo uma omissão, cometida por pessoas que mantém algum grau de intimidade, independente de laços consanguíneos. A violência implica, lentamente, no aniquilamento da identidade e na aptidão de resistência do sujeito, gerando prejuízos relevantes para a sua saúde e autorrealização, principalmente, quando atinge crianças e adolescentes (LÍRIO et al., 2018).

Muitas vezes, situações de abuso contra crianças e adolescentes são mantidas em segredo por um longo período de tempo. Esse segredo pode ultrapassar gerações, dificultando a busca por ajuda especializada (SANTOS; DELL'AGLIO, 2010). As intervenções, nesses casos, constituem um desafio ao profissional de saúde. Pois, a violência intrafamiliar se desenvolve em uma atmosfera de silenciamento e tabu, geralmente, desencadeada e mantida por uma dinâmica relacional complexa, a qual, na maioria das vezes, não é facilmente evidenciada e enfrentada (DUODECIM, 2001).

O silêncio tem um fundamento bastante complexo. Para entendê-lo é preciso considerar que, para uma pessoa relatar seus sofrimentos, ela precisa, primeiramente, encontrar um outro capaz de escutá-la e acolhê-la (POLLAK, 1989). Ou seja, para que a situação de violência seja notificada, a criança e o adolescente, vítimas de tal situação, precisam encontrar alguém que inspire confiança e possa ampará-los. Assim, eles podem romper com seu silêncio e contar com um outro que tome as providências necessárias para protegê-los. A revelação sobre a violência ocorrida exige ações que incluem a notificação legal do abuso, levando os relacionamentos familiares, assim como a situação psicológica e social de cada membro da família, a serem revistos e acompanhados por profissionais e por órgãos competentes. A notificação frequentemente é realizada por alguém próximo à criança ou adolescente e, geralmente, pela mesma pessoa para quem foi revelada ou identificada a violência (SANTOS; DELL'AGLIO, 2010).

Por conta da gravidade das consequências que suscita nas pessoas, famílias e comunidades envolvidas, a violência é, atualmente, tratada como uma importante questão de saúde pública a ser enfrentada, no Brasil (MACEDO et al., 2019). Cabe ressaltar que, somente em meados da década de 80, o Brasil passou a se preocupar com a questão da violência contra a criança e o adolescente, perpetrada no âmbito familiar, e propor respostas efetivas para esse enfrentamento. E desde, então, nunca um tema provocou tantas reticências para sua inclusão na agenda pública como o impacto da violência no setor da saúde (MINAYO; ASSIS, 2017).

Apesar das reservas em torno do assunto, os profissionais de saúde devem estar atentos aos fatores de risco para a ocorrência da violência e para os sinais gerais de maus tratos. Pois, frequentemente, tais profissionais são os primeiros a identificar a possibilidade de uma criança ou adolescente estar sofrendo violência (NGIAM et al., 2015). A atuação das equipes multiprofissionais é fundamental para a prevenção e a identificação precoce de situações de agressão, abuso e maus tratos. Além disso, essas equipes devem assegurar acompanhamento adequado, para que as famílias de risco sejam identificadas e monitoradas (EISENSTEIN; WILLIAMS, 2013; NGIAM et al., 2015).

Entretanto, observa-se que ainda existem dificuldades entre os profissionais, com relação ao enfrentamento da violência (EISENSTEIN; WILLIAMS, 2013; NGIAM et al., 2015). Dentre tais dificuldades, destacam-se: a) a desinformação sobre sinais e sintomas de violência contra crianças e adolescentes; b) a falta de estrutura física, social, econômica

e emocional para condução de casos de violência, pois muitos profissionais se sentem sozinhos, não apresentando condições para direcionar a família; c) o desconhecimento de aspectos legais a serem considerados no encaminhamento de casos de violência, bem como de órgãos de apoio; d) escassez na oferta de programas ou cursos de capacitação para trabalhar com a violência intrafamiliar (VELOSO et al., 2017). Estudos, também, apontam para dificuldades profissionais, envolvendo aspectos como a negação, o preconceito e o medo relacionado às obrigações legais, que devem ser assumidas em casos de denúncias a órgãos específicos, como aos Conselhos Tutelares e ao Ministério Público (ANDRADE et al., 2011; MORAIS et al., 2016).

Diante disso, o profissional da área da saúde precisa refletir e se apropriar de conhecimentos capazes de lhe dar suporte para atuar e intervir de maneira efetiva em situações de violência familiar. É necessário que esse profissional tenha condições de garantir ajuda à vítima e a toda sua família, abandonando a tendência de incriminar e marginalizar, ainda mais, as pessoas envolvidas, inclusive aquelas que agredem. Por isso, não basta que o profissional identifique os casos, ele deve estar preparado para conduzir cada situação, amenizando a culpa e a vergonha de cada pessoa envolvida, na trama familiar e, de forma mais ampla, na dinâmica da comunidade (NOGUCHI; ASSIS, 2003).

No contexto clínico, é preciso considerar que o fonoaudiólogo é um profissional da área da saúde, que se depara com situações de violência familiar, devendo ter condições para identificar e conduzir tais situações (NOGUCHI; ASSIS, 2003). O entendimento e a ação do fonoaudiólogo diante desses casos assumem relevância, sobretudo, em determinados segmentos da população infantil com maior risco de sofrer maus-tratos, como é o caso de sujeitos com deficiências, anomalias congênitas e genéticas, que constituem um significativo percentual de pacientes sob cuidados deste profissional (ACIOLI et al., 2011).

A clínica fonoaudiológica, de um modo geral, constitui-se em um espaço propício para a identificação e o manejo de alterações na linguagem, voz e motricidade oral, em crianças e adolescentes, que podem ser vítimas de violência. O contato frequente, o tempo de permanência somente com a criança ou o adolescente, sem a presença dos pais ou responsáveis, a regularidade dos encontros, o conhecimento do cotidiano da criança, uma estreita relação com a família e, por vezes, com a escola são fatores que permitem ao fonoaudiólogo compreender a dinâmica familiar em que situações de violência estão presentes (NOGUCHI, 2005).

No âmbito da Fonoaudiologia, são raros os estudos nacionais e escassos os trabalhos internacionais que enfocam essa temática (NOGUCHI, 2005; JAMPERSA, 2019). Em função da gravidade do problema e considerando as características e especificidades do atendimento clínico fonoaudiológico, o presente trabalho volta sua atenção a atuação do fonoaudiólogo diante da violência familiar. Nessa direção, por meio de um estudo piloto, objetiva: a) investigar o saber e o fazer fonoaudiológico em situações de violência intrafamiliar voltadas a crianças e adolescentes; b) analisar a proposta da pesquisa, a

eficácia do instrumento e a tangibilidade das questões elaboradas.

2 | MATERIAL E MÉTODO

Inicialmente, cabe esclarecer que o presente estudo se configura como um piloto e, portanto, é parte de uma pesquisa de campo mais ampla, cuja população total é de aproximadamente 4200 profissionais. Tal pesquisa, aprovada por Comitê de Ética com documento nº. 34894720.6.0000.8040 deve trabalhar com índices amostrais probabilísticos, contando com a participação de fonoaudiólogos residentes no Paraná e em Santa Catarina, sendo incluídos profissionais, que atuam em âmbito clínico, inscritos no Conselho Regional de Fonoaudiologia (CRFa/ 3ª região). Como critério de exclusão, os profissionais de fonoaudiologia que atendam somente adultos e idosos não farão parte dessa pesquisa.

Um estudo piloto é definido como um trabalho capaz de reproduzir materiais e métodos planejados, que serão usados em uma coleta definitiva de dados. Conforme Zaccaron et al., 2018, o piloto pode ser considerado uma mini versão da pesquisa completa e, por isso, é fundamental para aprimoramento dos métodos de coleta e de análise a serem usados, na medida em que suas limitações e seus acertos embasam o encaminhamento definitivo da investigação. Falhas e lacunas antes imperceptíveis podem ser verificadas, sendo viabilizadas adequações necessárias para o delineamento e a implementação do trabalho, além da verificação prévia de sua aplicabilidade.

Com esse entendimento, o presente estudo piloto constitui-se como uma versão preliminar que deve embasar o desenvolvimento da pesquisa definitiva. O estudo ocorreu em ambiente virtual e conta com a participação de fonoaudiólogos clínicos, voltados ao atendimento de crianças e adolescentes, inscritos no CRFa/ 3ª região. A coleta de dados foi feita por meio de questionário eletrônico, enviado por *e-mail*, aos profissionais que aceitaram participar deste piloto e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual garante o anonimato dos participantes. Esses profissionais atuam como fonoaudiólogos em duas cidades, uma capital do Paraná e um município do interior, situadas em área de abrangência do CRFa 3ª região.

O questionário utilizado apresenta 29 questões e se embasa no instrumento desenvolvido por Noguchi e Assis (2005). Porém, segue com adaptações feitas pelos pesquisadores, a fim de abranger questões próprias dos objetivos deste estudo. O material está organizado em três partes. A primeira parte do questionário volta-se à caracterização da atuação do fonoaudiólogo e se organiza em função de oito perguntas, que vão do número um ao oito, do tipo sim/não. A segunda parte enfoca o conhecimento do fonoaudiólogo acerca de situações de violência, incluindo os fatores que influenciam as suas tomadas de decisões frente a tais situações, vivenciadas por seus pacientes/usuários, bem como as condutas profissionais assumidas. Essa parte conta com 17 questões, que vão de oito a 25, sendo algumas de múltipla escolha e outras discursivas. A terceira parte visa compreender

como o profissional adquiriu tal conhecimento e se embasa em três perguntas, a 26, a 27 e a 28, sendo duas discursivas e uma de múltipla escolha.

Por último, para que os participantes possam contribuir especificamente com este estudo piloto, na questão 29, há um espaço delimitado para depoimentos e comentários que o fonoaudiólogo é convocado a fazer, com o intuito de tecer críticas e sugestões capazes de: a) aprimorar o questionário, considerando a inteligibilidade das questões; b) aperfeiçoar a abordagem para coleta de dados; c) examinar a aplicabilidade do estudo, tendo em vista a relevância da temática abordada e a clareza do objetivo geral da pesquisa.

A organização e discussão dos dados coletados estão fundamentadas na Análise de Conteúdo (AC). De acordo com Bardin (2011, p.15), a AC é “um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Nesta análise, os dados são tomados como retalhos de uma colcha, que precisam ser costurados para que o trabalho seja concluído.

De um ponto de vista qualitativo, a AC, usada neste piloto, está pautada nas produções discursivas dos participantes, organizadas por temas e discutidas por meio de abordagem inferencial. Essa análise se desenvolve em função do reconhecimento de tais temas, os quais estão organizados em categorias, permitindo a interpretação e a discussão dos mesmos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados e a discussão dos mesmos, de acordo com a Análise de Conteúdo, estão organizadas a partir de 3 eixos. O primeiro eixo explicita o perfil dos profissionais que compõem o presente estudo piloto, bem como a caracterização da clientela que atende. O segundo eixo, vincula a atuação e o conhecimento fonoaudiológico às situações de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, apresenta e discute o conhecimento que os profissionais têm sobre a violência, caracterização dos casos atendidos, conduta assumida, bem como alterações fonoaudiológicas presentes em situações de violência. Por fim, no terceiro eixo são apresentados e discutidos os resultados relacionados a análise do instrumento por parte dos participantes.

4 | PRIMEIRO EIXO - CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES, COM RELAÇÃO AO SEU PERFIL PROFISSIONAL E À ESPECIFICIDADE DA CLIENTELA QUE ATENDEM

4.1 Perfil Profissional

Quinze fonoaudiólogos, residentes no estado do Paraná, responderam ao questionário. Desse total, onze trabalham na Capital, dois na região metropolitana e três no interior. Oito profissionais têm menos de um ano de formação, quatro profissionais de 1 a 5 anos, e três profissionais com mais de 10 anos. Sobre o nível acadêmico: oito

fonoaudiólogos possuem apenas a graduação, cinco são especialistas, cinco têm mestrado e três têm doutorado. Com relação a área de trabalho: seis atuam com audiolgia, onze com linguagem, nove com Motricidade oral, sete com voz, três com disfagia, um com saúde coletiva, um com seletividade alimentar, e dois são generalistas. Os Locais de trabalho variam entre: a) consultório particular: quatro fonoaudiólogos; b) clínicas: nove fonoaudiólogos; d) hospital/maternidade: dois fonoaudiólogos; e) empresas/indústrias: um fonoaudiólogo; f) faculdades/ universidades: três fonoaudiólogos; g) escolas: um fonoaudiólogo; h) atendimento domiciliar: dois fonoaudiólogos.

4.2 Especificação da clientela atendida pelos fonoaudiólogos

Os Tipos de alterações fonoaudiológicas mais frequente na clientela desses profissionais foram: a) atraso no desenvolvimento de linguagem, assinalado por onze profissionais; b) Problemas de voz e ressonância: cinco profissionais; c) Dificuldades de leitura e escrita: seis profissionais; d) Problemas de fluência: cinco profissionais; e) Alterações no sistema estomatognático: oito profissionais; f) Deficiência auditiva: nove profissionais; g) Alterações no uso da linguagem: cinco profissionais; h) Transtorno do Espectro do Autismo: um profissional. A Faixa etária da clientela atendida varia entre: a) bebês (0 a 1 ano): seis fonoaudiólogos; b) crianças (2 a 11 anos): treze fonoaudiólogos; c) adolescentes (12 a 18 anos): nove fonoaudiólogos; d) adultos e idosos: doze fonoaudiólogos.

5 I SEGUNDO EIXO – ATUAÇÃO E O CONHECIMENTO FONOAUDIOLÓGICOS ACERCA DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

5.1 Número de casos atendidos

Dentre os respondentes, seis relataram terem atendido casos de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes e nove disseram que não atenderam. Dos seis fonoaudiólogos que atenderam, dois atenderam três ou mais bebês entre 0 e 2 anos, e três ou mais crianças, entre 2 e 11 anos. Um profissional referiu atendimento a um adolescente entre 12 e 18 anos e outro fonoaudiólogo acolheu três ou mais adolescentes. Quatro participantes assinalaram terem atendido uma criança, cada. Esses dados revelam que a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes está presente no atendimento dos fonoaudiólogos e encontram-se corroborados nos estudos de Noguchi et al., 2004, e Acioli et al., 2011.

5.2 Tipos de violência apresentados

Os tipos de violência citadas pelos respondentes, foram as físicas e psicológicas, seguidas de violência sexual, negligência ou abandono. Segundo Pesce, 2009, as violências física, sexual e psicológica contra a criança e o adolescente estavam presentes em todos os artigos analisados em sua revisão de literatura.

5.3 Alteração fonoaudiológica encontrada nos casos de violência

A alteração fonoaudiológica mais frequente encontrada nos casos de violência intrafamiliar atendidos pelos fonoaudiólogos, participantes desse estudo piloto, foi o atraso no desenvolvimento da linguagem, assinalado por todos os respondentes. Seguida da deficiência auditiva, relatada por dois profissionais. E problemas de voz, leitura e escrita, de fluência e alterações no sistema estomatognático foram assinalados por um profissional. Esses achados estão em consonância com o estudo realizado com 107 profissionais, alunos de um curso de capacitação para situações de violência. Desses 107 profissionais, 92% notaram algum sinal de alteração na linguagem das crianças vítimas de violência. Esse dado é significativo no sentido de indicar correlação entre violência e alterações na linguagem (CESARO et al., 2016). Resultados semelhantes, também, foram encontrados no estudo internacional de Reppold et al., 2005.

5.4 Suspeitas da violência

Com relação a suspeita da violência, um profissional relatou que recebeu os casos encaminhados do lar de adoção, já sabendo do episódio de violência. Outro profissional suspeitou devido as marcas corporais na criança, e no adolescente devido a seu discurso de incapacidade frente aos sucessos e conquistas de seu irmão mais velho. Dois profissionais referiram as suspeitas a partir da agressividade das crianças e por meio de seus desenhos. E outros dois profissionais souberam das situações de violência, por meio dos relatos dos próprios pacientes. Noguchi et al., 2006, refere resultados semelhantes a estes. Para as autoras, a observação do comportamento, as marcas corporais e o relato da própria criança ou adolescente foram os principais fatores usados por fonoaudiólogos para identificarem situações de violência. Em relação ao comportamento, um estudo realizado em escolas públicas de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, mostrou que 4,3% das crianças entre seis e treze anos apresentam um comportamento agressivo, sugerindo situações de violência ou negligência familiar e comunitária (ASSIS et al., 2006).

5.5 Conduta dos profissionais

Sobre a conduta assumida pelos profissionais deste estudo piloto, um relatou que não tomou atitudes específicas, outro profissional estabeleceu contato com a psicóloga que atendia o caso. Um profissional realizou uma conversa com a mãe, com a intenção de investigar a questão da violência e orientar a família. Ele relatou que após diálogo com a mãe, o comportamento agressivo da criança diminuiu. Porém, duas sessões depois, houve um período de férias e, após o recesso, a criança não retornou para o atendimento. A mãe alegou que encontrou outra profissional que atendia em uma clínica mais próxima de sua residência. Outro fonoaudiólogo referiu que conversou com a família, com a escola, e encaminhou o paciente ao psicólogo. Outro participante relatou: *“acolher os relatos, criar espaço de diálogo para que o mesmo pudesse falar sobre a situação de violência e*

buscar caminhos para o enfrentamento da mesma junto ao paciente e/ou familiares”. Esses dados estão em consonância com outras pesquisas realizadas na área da fonoaudiologia, segundo Noguchi et al., 2004, a conduta mais citada pelos fonoaudiólogos que atenderam algum caso de violência familiar foi o contato com a família. O mesmo evidencia-se nos estudos de Acioli et al., 2011, em que principal conduta dos profissionais diante dos casos de violência, foi o encaminhamento ao psicológico, bem como, orientar a família de como proceder nesses casos. Dados similares, também, evidenciam-se em estudos realizados com profissionais da odontologia (MASSONI et al., 2010; SERAFIM et al., 2016).

5.6 Conhecimento dos órgãos a serem informados

No que se refere aos órgãos informados em casos suspeitos de violência, os 15 fonoaudiólogos que compuseram este piloto mencionaram o Conselho Tutelar, seguido de 10 menções à Vara Infância e da Juventude e um profissional referiu, também, o disque 100. Tal resultado está em consonância com os estudos de Acioli et al., 2011, no qual 96,6% dos respondentes de sua pesquisa referiram as instituições responsáveis pela assistência à criança e ao adolescente vítimas de violência, o Conselho Tutelar.

6 | TERCEIRO EIXO - ANÁLISE DA PROPOSTA DA PESQUISA E DO MATERIAL USADO

6.1 Importância da pesquisa

Três fonoaudiólogos ressaltaram que aguardam ansiosamente os resultados da pesquisa para a leitura. Pois, atenderam casos de violência e gostariam de ter acesso a mais conhecimentos sobre o assunto. Uma profissional relatou: *“Gostei muito do questionário, parabéns. Gostaria muito de ver os resultados e se possível participar de futuras atividades sobre a temática...”*. No mesmo sentido deste relato, um fonoaudiólogo afirmou: *“Responder a esse questionário, com certeza faz refletir questões referentes a prática clínica e o quanto o olhar clínico precisa estar entrelaçado a um atendimento humanizado e amplo, em relação as questões biopsicossociais que envolvem o outro para assim ir além da queixa orgânica e mediar situações de conflito ou quaisquer outras questões extraordinárias de uma forma que possibilite, identificar, mediar compreensão e ressignificação da situação. Pois, em casos de violência, a queixa se apresenta muitas vezes clara, porém vem de um emaranhado de porquês, que podem se tornar novos sintomas e passar despercebidos”*.

6.2 Inteligibilidade das questões

Sobre a inteligibilidade das questões, treze profissionais relataram que o instrumento está apropriado, de fácil entendimento, sem necessidade de modificações. Dois profissionais fizeram contribuições acerca da estruturação de algumas perguntas e sugeriram o aprimoramento das mesmas. Um item sugerido foi a verificação de uma questão

que estava duplicada. Essa questão já foi retirada do instrumento. Outro participante relatou que algumas questões estavam significativamente abertas, dando espaço para respostas evasivas e desarticuladas do objeto da pesquisa. Desse modo, fez-se a releitura dessas questões, com adequações capazes de direcionar as respostas no sentido do objetivo do estudo.

6.3 Coerência entre o instrumento usado e o objetivo da pesquisa

Quatorze fonoaudiólogos afirmaram que o instrumento demonstra coerência em relação objetivo da pesquisa. Nesse sentido, um profissional relatou: *“Acredito que o tema aqui abordado é de suma importância, e o instrumento está adequado para tal objetivo, pois temos a possibilidade de refletir acerca de situações que são recorrentes na clínica fonoaudiológica e, posteriormente, nos informamos melhor acerca do posicionamento a ser tomado em tais contextos de violência familiar”*.

7 | CONCLUSÃO

Com este estudo piloto, é possível afirmar que o fazer fonoaudiológico em situações de violência intrafamiliar está mais voltado ao contato do profissional com a família das crianças ou adolescentes, com a intenção de buscar informações sobre situações de violência ou orientar de que forma proceder. No que se refere ao conhecimento sobre encaminhamentos de situações de violência, todos os participantes referiram a relevância da notificação ao Conselho Tutelar.

Em se tratando do instrumento usado, este mostrou-se adequado ao objetivo proposto, indicando a viabilidade da aplicação do questionário em uma população maior de fonoaudiólogos para investigar, de forma mais ampla, a atuação clínica e o conhecimento desses profissionais acerca de violência intrafamiliar.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, R.M.L., LIMA, M.L.C., BRAGA, M.C., PIMENTEL, F.C., CASTRO, A.G. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: identificação, manejo e conhecimento da rede de referência por fonoaudiólogo em serviços públicos de saúde. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.** Recife, v. 11, n. 1, p. 21-28 jan. / mar., 2011.

ANDRADE, E.M., NAKAMURA, E., PAULA, C.S., NASCIMENTO, R., BORDIN, I.A., MARTIN, D. A visão dos profissionais de saúde em relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes: um estudo qualitativo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 147-55, 2011. doi.org/10.1590/S0104-12902011000100017.

ASSIS, S.G., PESCE, R.P., AVANCI, J. **Resiliência: enfatizando a proteção na adolescência**. Porto Alegre: Artmed; 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERRY, P.A., GILLESPIE, G.L., GATES, D., SCHAFER, J. Novice nurse productivity following workplace bullying. **J Nurs Scholarsh**, Mar; v. 44, n. 1, p. 80-7, 2012.

BIRNBAUM, M.H. Human research and data collection via the internet. **Annu Rev Psychol.**, v. 55, p. 803-32, 2004. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141601>

BOTELHO, R.G., OLIVEIRA, C.C. Literaturas branca e cinzenta: uma revisão conceitual. **Ci.Inf.**, Brasília, DF, v.44 n.3, p.501-513, set./dez. 2015.

BRASIL 2012. **Resolução Nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: https://Bvms.Saude.Gov.Br/Bvs/Saudelegis/Cns/2013/Res0466_12_12_2012.Html

CARLOMAGNO, M.C. Conduzindo pesquisas com questionários online: uma introdução às questões metodológicas. Pág. 31-55. In: SILVA T, BUCKSTEGGE J, ROGEDO P. **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Editora: Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados – IBPAD. Brasília, 2018.

CESARO, B.C., BONAMIGO, A.W., SILVA H.T.H., OLIVEIRA, F. Alterações na comunicação em crianças vítimas de violência: reflexões para a Fonoaudiologia. **Distúrbios Comun.**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 462-472, setembro, 2016.

DESLANDES, S.F. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. **Cad. Saúde Pública**, 10 (supl. 1): S177-187, 1994.

DUODECIM: **The Child Psychiatrists' Recommendation Team. The investigation of child sexual abuse**. Helsinki: Duodecim, 2001.

EISENSTEIN, E., WILLIAMS, L.C. Abusive head trauma in children: a literature review. **J Pediatr.** (Rio J). v. 89, n. 5, p. 426-433, 2013.

FONTES, K.B., BENGUELLA, E.A., ALARCÃO, A.C.J., OLIVEIRA, A.P.R., PELLOSO, S.M., CARVALHO, M.D.B. Coleta de Dados via Web: Ferramenta coadjuvante na abordagem de temas delicados. **J. Health Inform.**, p. 184-189, 2016.

JAMPERSA, L. **Violência Intrafamiliar e a Clínica Fonoaudiológica: Uma Revisão Integrativa**. Orientadora: Giselle Aparecida de Athayde Massi, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso em fonoaudiologia – Universidade Tuiuti do Paraná, 2019.

LÍRIO, J.G.S., GOMES, N.P., PAIXÃO, G.P.N., PEREIRA, A., MAGALHÃES, J.R.F., CRUZ, M.A., SOUZA, A.R. Abuso intrafamiliar na infância de homens em processo criminal por violência conjugal. **Acta Paul Enferm.**, v. 31, n. 4, p. 423-429, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v31n4/1982-0194-ape-31-04-0423.pdf>

MACEDO, D.M., FOSCHIERA, L.N., MAZZINI, T.C.P., HABIGZANG, L.F., KOLLER, S.H. Revisão sistemática de estudos sobre registros de violência contra crianças e adolescentes no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 24, n. 2, p. 487-496, 2019.

MAGALHÃES, J.R.F., GOMES, N.P., CAMPOS, L.M., CAMARGO, C.L., ESTRELA, F.M., COUTO, T.M. Expressão da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. **Texto Contexto Enferm**, v. 26, n. 4, p. e1730016, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n4/0104-0707-tce-26-04-e1730016.pdf>

MARTINS, P.D.N., LEMOS, E., FERREIRA, A. Impacto da violência na saúde, família e trabalho no estado da Bahia, Brasil 2016. **Revista ciencia, salud, educación y economia**, n. 11, 2017.

MASSONI, A.C.L.T., FERREIRA, A.M.B., ARAGÃO, A.K.R., MENEZES, V.A., COLARES, V. Aspectos orofaciais dos maus-tratos infantis e da negligência odontológica. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 15, n. 2, p. 403-410, 2010.

MENDES, R.M., MISKULIN, R.G.S. **A análise de conteúdo como uma metodologia**. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47 n.165 p.1044-1066 jul./set, 2017.

MINAYO, M.C.S., ASSIS, S.G., organizadoras. **Novas e velhas faces da violência no século XXI: visão da literatura brasileira do campo da saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2017.

MORAIS, R.L.G.L., SALES, Z.N., RODRIGUES, V.P., OLIVEIRA, J.S. Ações de proteção a crianças e adolescentes em situação de violência. **Revista de Pesquisa Cuidar é Fundamental**, online v. 8, n. 2, p. 4472-4486, 2016. Doi: 10.9789/2175- 5361.2016.v8i2.4472-4486

NGIAM, X.Y., KANG, Y.Q., AISHWORIYA, R., KIING, J., LAW, E.C. Child maltreatment syndrome: demographics and developmental issues of inpatient cases. **Singapore Med J.**, v. 56, n. 11, p. 612-617, 2015.

NOBRE, F.C., CORRÊA, D.A., NEPOMUCENO, L.H., SOUSA, A.J., FILHO, V.S. A Amostragem na Pesquisa de Natureza Científica em um Campo Multiparadigmático: Peculiaridades do Método Qualitativo. **Investigação qualitativa em Ciências Sociais**, v. 3, p. 157-166, 2016.

NOGUCHI, M.S., ASSIS, S.G. SANTOS, N.C. Entre quatro paredes: atendimento fonoaudiológico a crianças e adolescentes vítimas de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 4, p. 963-973, 2004.

NOGUCHI, M.S., ASSIS, S.G. Fonoaudiologia e violência intrafamiliar contra crianças: identificação de casos e prevenção. **Pró Fono - Revista de Atualização Científica**, v. 15, n. 2, p. 199-206, 2003.

NOGUCHI, M.S. **O dito, o não dito e o mal-dito o fonoaudiólogo diante da violência familiar contra crianças e adolescentes** [Tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Escola nacional de saúde pública – fundação Oswaldo Cruz. Junho de 2005.

PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 507-518, 2009.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

REIS, F.F.S., DOS REIS, J.D., SHOJI, L.S. **Autonomia como Fator de Proteção para Mulheres Vítima de Violência Doméstica** – Dissertação - Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica, 2019.

REPPOLD, C.T., PACHECO, J., HUTZ, C. Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In: Hutz C. **Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 9-42. 2005.

RHODES, S.D., BOWIE, D.A., HERGENRATHER, K.C. Collecting behavioural data using the world wide web: considerations for researchers. **J Epidemiol Community Health**, Jan, v. 57, n. 1, p. 68-73, 2003.

SANTOS, S.S. DELL'AGLIO, D.D. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 328-335, 2010.

SERAFIM, A.P.R., RODRIGUES, L.G., PRADO, M.M. Maus-tratos infantis: um olhar sobre a omissão de pais na atenção à saúde bucal dos seus filhos. **Rev Bras Odontol Leg RBOL**, v. 3, n. 1, p. 95-105, 2016.

SULLIVAN, P.M., BROOKHOUSER, P.E., SCANLAN, J.M., KNUTSON, J.F., SCHULTE, L.E. Patterns of physical and sexual abuse of communicatively handicapped children. **Ann Otol Rhinol Laryngol.**, v. 100, p. 188-194, 1991.

VELOSO, M.M.X., MAGALHÃES, C.M.C., CABRAL, I.R. Identificação e notificação de violência contra crianças e adolescentes: limites e possibilidades de atuação de profissionais de saúde. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 25, n. 1, p. 1-10, Jan/Jun, 2017.

WEYNE, Gastão Rúbio de Sá. Determinação do tamanho da amostra em pesquisas experimentais na área de saúde. **Arq. Med. ABC**, v. 29, p. 87-90, 2 Jul/Dez 2004.

ZACCARON, R., D'ELY, R.C.S.F., XHAF AJ, D.C.P. Estudo piloto: um processo importante de adaptação e refinamento para uma pesquisa quase experimental em aquisição de L2. **Revista do GELNE**, v. 20, n. 1, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aparelho de amplificação sonora individual 15, 23, 43, 224

Apneia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 80, 82

Audiologia 9, 11, 23, 25, 74, 91, 95, 97, 101, 103, 107, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 128, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 171, 177, 188, 189, 191, 192, 195, 196, 216, 221, 223, 224, 229, 231

Audiometria tonal 5, 6, 11, 71, 74, 75, 160, 190, 191

C

Centro de reabilitação 147, 151, 154

Centros de convivência 175, 180, 182, 183, 187

Conselho Nacional de Saúde 169

Covid-19 188, 189, 190, 191, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 207, 208, 209, 210, 211

Cromossomo 4 9, 10, 11

E

Educação permanente 139, 140, 141, 143, 144, 146

Emissões otoacústicas 5, 6, 11, 38, 39, 40, 42, 45, 57, 60, 71, 74, 75, 76, 160, 190

Ensino remoto 188, 189, 194, 195, 196, 197

Equipamento de proteção individual 37, 110, 191

Estágio supervisionado 221, 223

Estudantes de fonoaudiologia 199, 202, 207

L

Linguagem 11, 38, 40, 44, 45, 59, 67, 69, 91, 92, 106, 112, 115, 122, 125, 128, 129, 135, 137, 159, 160, 162, 163, 167, 168, 173, 174, 177, 179, 182, 184, 195, 216, 219, 231

M

Microcefalia 10, 11, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

Motricidade orofacial 159, 160, 162, 163, 216

Música 11, 48, 135, 136, 137, 185, 187

N

Normas regulamentadoras 88, 89, 95, 96, 97, 99, 103, 110

Núcleo de apoio à saúde da família 171

P

Perda auditiva 7, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 28, 30, 33, 35, 37, 38, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 57, 61, 75, 76, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 112, 117, 118, 165, 190, 191, 221, 222, 223, 225

Perda auditiva induzida por ruído 26, 28, 30, 47, 49, 102

Perfil epidemiológico 25, 223, 230

Perícia fonoaudiológica 83, 84, 85, 88, 91, 92, 95, 96, 97, 101, 103, 106, 111, 112, 113, 117, 121

Pessoas com deficiência 147, 148, 149, 153, 154, 156

Políticas públicas 53, 79, 142, 146, 147, 148, 149, 150, 156, 178, 231

Potencial cognitivo P300 71, 72, 78, 80, 81

Potencial evocado auditivo 9, 11, 43, 57, 60, 66, 70, 74, 78, 81, 160, 170, 227

Presbiacusia 18, 20

Procedimentos fonoaudiológicos 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

Processamento auditivo 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 66, 69, 70, 143, 171, 172, 177

Promoção da saúde 1, 25, 47, 53, 54, 81, 98, 100, 136, 141, 154, 183, 229

Q

Qualidade de vida 2, 3, 18, 23, 24, 25, 53, 71, 72, 73, 77, 80, 81, 82, 99, 110, 149, 162, 165, 181

R

Recém-nascido 38, 58

Reflexo cócleo-palpebral 11

Regionalização 139, 141, 142, 151

Riscos ambientais 88, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 105, 109

Riscos ocupacionais 26, 32, 34, 36

Ruído 26, 28, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 47, 48, 49, 53, 75, 76, 88, 102, 103, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 118, 119, 120, 121

S

Saúde auditiva 16, 26, 29, 30, 32, 33, 37, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 96, 103, 116, 117, 150, 152, 161, 162, 164, 165, 166, 170, 221, 223, 228, 230

Saúde do trabalhador 26, 27, 28, 29, 30, 35, 36, 37, 89, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 109, 110, 112, 119

Saúde mental 175, 177, 180, 182, 184, 187, 208, 209, 210

Serviços de saúde 47, 63, 137, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 151, 164, 167, 169, 176,

180, 181, 183

Sistema único de saúde 16, 27, 28, 43, 45, 95, 138, 139, 141, 145, 146, 147, 150, 154, 155, 156, 159, 164, 165, 172, 222, 223

Sono 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82

T

Timpanometria 57, 60, 61, 75, 76

Transdisciplinaridade 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187

Triagem auditiva neonatal universal 39, 40

V

Vigilância em saúde 98, 100, 110

Vínculo terapêutico 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219





Violência intrafamiliar 122, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133

Voz 38, 44, 88, 91, 97, 101, 112, 125, 128, 129, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 179, 181, 182, 187

Z

Zumbido 46, 48, 49, 51, 190, 191

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E PRÁTICA CLÍNICA EM FONOAUDIOLOGIA

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021